

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**, tradução Carlos Alberto Medeiros -1ed- Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271p.

Jesus Marmanillo PEREIRA¹

Tendo escrito “Cidade, Democracia e Socialismo: a experiência das associações de vizinhos de Madri” (1980) e “Sociedade em Rede” (1999) Manuel Castells parece confluir suas reflexões teóricas sobre associativismo e tecnologias de informação no livro: “Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet” publicado no Brasil no semestre seguinte às manifestações de junho².

Interpretando as mobilizações ocorridas no mundo árabe, na Espanha e E.U.A, sob a perspectiva dos movimentos sociais em rede, esse autor dá especial atenção para: as conexões existentes entre os diferentes eventos, os valores culturais de cada local e a relação entre a *autonomia da comunicação* e o *contrapoder*, exercidos pelos movimentos sociais frente ao poder institucional do estado monopolizador da violência.

Entendendo que o prelúdio das mobilizações ocorridas em varias países iniciou-se na Islândia e Tunísia, locais marcados respectivamente pelo colapso financeiro e autoimolação do jovem Mohamed Bouaziz, Castells (2013) analisa como a composição étnica, profissional e religiosa dos manifestantes, o déficit democrático e a articulação entre a comunicação livre, expressa por meio de TVs como a AL Jazeera e comunidades virtuais possibilitaram a ocupação de espaços públicos por milhares de manifestantes. Nesse sentido destaca que a difusão de vídeos contendo cenas dos protestos e da violência policial, pela internet, era acompanhada da convocação à ação nas ruas e praças da cidade de todo país. (p25)

No capítulo, “Revolução Egípcia” explica que a revolução egípcia foi dramatizada de acordo exemplo tunisiano e discorre detalhadamente sobre as formas como a comunicação e as redes foram utilizadas pelos manifestantes e governo. Para tanto, utiliza a noção de *rede multimodal* e explica que o *contra poder* revolucionário expressou-se também por celulares, emissoras que operavam em diferentes frequências de transmissão, modens *dial up* e outros meios para lidar com a repressão governamental expressa por meio da “grande desconexão”.

¹ Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em políticas públicas e Trabalho (LAEPT) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (PPGS-UFPB). E-mail: jesusmarmanillo@hotmail.com

² Conjunto de protestos ocorridos em várias capitais brasileiras, e que foi iniciado em São Paulo com o movimento passe livre pela redução das tarifas dos transportes públicos. Tal fenômeno tem sido objeto de debate e já resultou em algumas publicações como: Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram o Brasil, uma sessão da terceira edição da revista Pensata (UNIFESP) e o próprio posfácio do livro resenhado.

Sobre a situação offline descreve analiticamente a ocupação na Praça de Tahrir, destacando as redes de solidariedade formadas, o autogerenciamento as composições sociais e profissionais.

No terceiro capítulo, Dignidade, violência, geopolítica: As insurreições árabes, explica a expansão e institucionalização do dia de fúria (*youm al-Ghadah*) em diversos países árabes e expõe que dignidade e pão foram os motores originais da maioria dos movimentos engendrados naqueles países cuja população, em grande parte, compunha-se de pessoas relativamente instruídas, abaixo dos trinta anos e desempregada. Segundo Castells “pedi pão na verdade significa reverter às políticas econômicas e pôr fim à corrupção como forma de governança.” (p.75)

Com mais detalhes, explica as manifestações na Líbia e Síria, atentando para as características específicas de cada tipo de governo e o modo como tais manifestações se desenrolaram em situações de violência e guerra civil, que para ele seriam responsáveis apenas pela morte de pessoas, mas também dos próprios movimentos sociais - em seus ideais de paz, democracia, justiça etc. Segundo o autor “reafirmou-se como axioma do movimento que a não violência era essencial. Em primeiro lugar, porque a violência, amplificada pela mídia, mesmo quando não provocada por manifestantes, alienaria o apoio da população” (CASTELLS, 2013, p.108). Outro problema trazido com a propagação da violência e guerra civil foi à criação de um ambiente favorável para influências externas, como foi o caso do apoio Russo e Chinês à ditadura na Síria.

Destacando os estudos de Philip Howard e Muhammad Hussain, que percebem a maior difusão e uso de tecnologias diretamente ligadas ao aumento da democratização, envolvimento cívico e autonomia da sociedade civil, Castells (2013) destaca a potencialidade comunicativa, expressa por meio de imagens e gráficos inovadores, das mobilizações mediadas digitalmente e sua influência nesses processos analisados pelos autores.

No quarto capítulo “Uma revolução rizomática: os indignados na Espanha” Castells (2013) explica a influência da eurocrise e do exemplo da Islândia nos processos de indignação da população e deslegitimidade dos partidos e sistema financeiro espanhol. Assim, descreve o processo que foi iniciado com os debates e que culminou nas ocupações de praças, passeatas e manifestações nas principais praças espanholas. Com a utilização de comunidades virtuais como a “Plataforma de Coordenação de grupos Pró-Mobilização Cidadã” e “Democracia Real Ya” ocorreram debates, articulações e a deliberação das ocupações dos espaços públicos, congregando grupos como: “Juventud sin futuro”. “Juventud em Acción”, “Plataforma de afectados por La Hipoteca” e outros grupos e pessoas descontentes com a forma como o governo gerenciava a crise.

Manuel Castells demonstra a forma como tais ocupações expressavam o desejo de uma nova cultura econômica e política articulada por meio de redes de solidariedade, nas

assembléias, questionamento de lideranças e partidos, no desejo de uma ética bancária, do cooperativismo etc.. Para ele a principal “raiz” fincada com o movimento foi a autoreflexão da população e reflexão sobre o sistema, assim o autor valoriza todas as etapas da mobilização não a entendendo como apenas um meio para a obtenção de resultados, tal como fazem os de visão produtivista.

No quinto capítulo, “Occupy Wall Street: extraindo o sal da terra,” ressalta a semelhança do Occupy Wall Street com os movimentos ocorridos nos países Árabes e na Espanha, destacando o apoio das redes virtuais como o facebook, #Occupywallstreet, no Twitter, sites como o Anpredstatus e ações que faziam menção as ocorridas em outros locais, exemplo a convocação do dia de fúria (*yom al-Ghadah*) feita pelo grupo Anonymous. Discorre também sobre a importância de algumas publicações impressas como o: Occupied WJS, Occupy! N+1, Tidal, e sobre dinâmica e organização das assembléias, constituídas por um conselho de porta-vozes (Spokes Council) cujas atividades buscavam outra concepção de participação e política. Tal movimento contou com tecnologias de transmissão de imagens na rede, como forma de proteção contra a violência, e realizaram-se ações direcionadas contra os banqueiros, por meio de slogans com como: “Separe-se de seu banco”, “Dia da transferência bancária”, valorizando a idéia de cooperativas de crédito, de base comunitária e deixando claro um dos alvos da mobilização.

No sexto capítulo “Transformações do mundo na sociedade em rede” há uma reflexão sobre os capítulos anteriores, percebendo que movimentos não surgem apenas como resultado da pobreza, mas que também dependem de aspectos emocionais e ressalta a importância de emoções como raiva, entusiasmo e medo, relacionadas respectivamente a busca por justiça, engajamento e superação. O autor fornece um panorama sobre as características comuns dos movimentos e percebe que só podem ser percebidos como tal a partir do momento em que ocuparam os espaços urbanos, assim conclui que “O espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares” (CASTELLS, 2013, p.160). Explica outras características como: a espontaneidade, o transito deles entre as questões locais e globais, o poder das imagens, autoreflexão, horizontalidade de suas redes e percebe que tais movimentos produziram, internamente, seus próprios antídotos contra a disseminação dos valores sociais e costumes que combatiam.

No último tópico “para além da indignação, a esperança: Vida e morte dos movimentos sociais em rede,” considera que o mais importante é a produtividade histórica e social das práticas desenvolvidas por tais movimentos e que esses estão reconstruindo a esfera pública no espaço de autonomia constituído em torno da interação entre localidade e redes de internet.

Enfim, a contribuição desse livro é importante não só pela atualidade do debate, mas por fornecer um modelo explicativo que percebe o movimento não apenas por meio dos condicionantes macro-históricos ou organizacionais, mas também no aspecto comunicativo, emocional e tecnológico que marcam cada vez mais a sociedade contemporânea seja na indignação pelas lideranças políticas e da economia, seja na esperança por mudanças. Possibilita-nos também agregar as perspectivas “online” e “offline” para esses fenômenos associativos que tanto marcam a teoria dos movimentos sociais.

E nos demonstra que tais mobilizações em rede são novos tipos de movimento democrático que reconstruem a esfera pública no espaço de autonomia constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet. Nos fazendo refletir que, se antes a influência das revoluções poderia levar meses para chegar a determinados locais, às redes contemporâneas, sustentadas na internet, celulares e outras tecnologias de comunicação, possibilitam a difusão de idéias e mobilizações quase que simultaneamente em vários locais, não importando as distâncias.

Em outros termos, pode-se afirmar que tais redes podem ser pensadas como o fio condutor, e socializador, das experiências, indignações e esperanças que emanaram desde a primavera árabe até a ocupação de Wall Street. Isso porque, como afirma o próprio autor, “as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos, para si próprias e para a sociedade como um todo” (p.166)

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **Cidade, democracia e socialismo: a experiência das associações de vizinhos de Madri**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Paz e Terra, 1980.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.